

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS

ZENILDA PINTO MARTINS

**ANÁLISE LINGUÍSTICA DE NARRATIVAS PESSOAIS DE ALUNOS DO 6º ANO
- (ENSINO FUNDAMENTAL) – GUIA LOPES DA LAGUNA.**

JARDIM-MS
2011

ZENILDA PINTO MARTINS

**ANÁLISE LINGUÍSTICA DE NARRATIVAS PESSOAIS DE ALUNOS DO 6º ANO
- (ENSINO FUNDAMENTAL) – GUIA LOPES DA LAGUNA.**

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras – Habilitação Português/Inglês à banca examinadora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade de Jardim sob a orientação da Prof^a. MSc. Adélia Maria Evangelista Azevedo.

JARDIM
2011

ZENILDA PINTO MARTINS

**ANÁLISE LINGUÍSTICA DE NARRATIVAS PESSOAIS DE ALUNOS DO 6º ANO
- (ENSINO FUNDAMENTAL) – GUIA LOPES DA LAGUNA.**

BANCA EXAMINADORA

Profº.MSc . Adélia Maria Evangelista Azevedo – UEMS
Orientadora

Profº. MSc. Clemilton P. dos Santos

Profª. Esp. Michele Serafim dos Santos

DEDICATÓRIA

Esta monografia representa uma vitória em minha vida e obtê-la com êxito foi uma tarefa árdua. Portanto, dedico a todos aqueles que estiveram ao meu lado contribuindo de forma direta ou indireta para a concretização deste sonho. E em especial, dedico ao meu pai Vitor, a minha mãe Izaura e o meu esposo Paulo Cesar, por sempre me amarem e apoiarem incondicionalmente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro à Deus pela bênção da vida, pela saúde, pelo saber por ter me proporcionado a oportunidade de me graduar em curso superior .

Agradeço à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul pela Licenciatura no Curso de Letras, pela oportunidade de conhecer, conviver e construir amizades.

Agradeço ao meu pai Vitor, a minha mãe Izaura, meu esposo Paulo Cesar e o meu irmão Leoncio, pessoas queridas e especiais que sempre estiveram ao meu lado, tanto nos momentos felizes quanto nos tristes, dando-me incondicionalmente força e amor, torcendo pelo meu sucesso, apoiando-me na concretização deste grande sonho.

“Não há saber mais ou saber menos: Há saberes diferente”.

(Autor Desconhecido)

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso "Análise das narrativas "O que te faz feliz e sobre seus sonhos" – no 6º ano – do ensino fundamental, tem como objetivo principal analisar as redações do 6º ano do ensino fundamental, produzidas em 2010, numa escola pública do município de Guia Lopes da Laguna, tal análise seguiu a linha teórica da Linguística e da Linguística Aplicada, com os teóricos: Saussure (2000), Koch (1999), Costa Val (1999), Rojo (2000), Travaglia (2002), Azevedo (2003), Beth Brait (2000) e o Documento Oficial de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental (PCN's) (1997). Considerou um *corpus* inicial de vinte e quatro redações, do qual selecionamos 5 produções textuais representativas para uma análise mais detalhada em busca dos "aspectos linguísticos" encontrados na produção textual. A pergunta de pesquisa: "Qual o nível linguístico das produções textuais ao final do 4º bimestre do 6º ano, do ensino fundamental dos alunos da escola pública do município de Guia Lopes da Laguna"? Os resultados e as análises apontam para a importância de um aluno em aprender na sala de aula os aspectos linguísticos necessários para a produção textual ser considerada realmente um texto completo.

Palavras-chave: 1- Produção textual; 2- textualidade; 3- produções escritas.

ABSTRACT

This work of Course Completion "Analysis of the narratives" What makes you happy and on your dreams "- at 6 years - from elementary school's main objective is to analyze the compositions of the 6th grade of elementary school, produced in 2010, a public school in the municipality Guia Lopes da Laguna, this analysis followed the theoretical line of Linguistics and Applied Linguistics, as theorists: Saussure (2000), Koch (1999), Costa Val (1999), Rojo (2000), Travaglia (2002), Azevedo (2003), Beth Brait (2000) and the Official Document of the Portuguese Language school (NCP's) (1997). Considered an initial corpus of twenty-four essays, which selected five representative textual productions for a more detailed search of the "linguistic aspects" found in text production. The research question: "What level of language textual productions at the end of two months of the 4 th 6 th year of elementary school students from public schools in the municipality of Guia Lopes da Laguna"? The results and analysis point to the importance of student learning in the classroom linguistic aspects necessary for the production of texts actually be considered a full text.

Keywords: 1 - Textual Production 2 - Textuality, 3 – written productions

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
------------------	----

CAPÍTULO I

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

UMA REFLEXÃO SOBRE CONCEITOS PERTINENTES À LINGUÍSTICA E A LINGUÍSTICA TEXTUAL	12
---	-----------

1.1 Língua, Linguagem	12
------------------------------------	-----------

1.2 Produção Textual	17
-----------------------------------	-----------

1.3 Texto/Discurso	18
--------------------------	----

1.4 Textualidade.....	20
-----------------------	----

1.5 Gênero.....	22
-----------------	----

CAPÍTULO II

“O QUE TE FAZ FELIZ E SOBRE SEUS SONHOS”

2.1 Condições de Produção	23
---------------------------------	----

2.2 Classificação e Análises das Produções Textuais.....	24
--	----

CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
-----------------------------------	-----------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35
---	-----------

ANEXOS	36
---------------------	-----------

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de análise linguísticas a partir de narrativas pessoais de alunos do 6º ano – (ensino fundamental) – Guia Lopes da Laguna tem por objetivo investigar os aspectos linguísticos, ao final do período letivo de 2010. A pesquisa contou com uma coleta de dados de 24 redações, produzidas no último bimestre de 2010, em uma escola estadual, de Mato Grosso do Sul.

A partir da observação do *corpus* foi possível detectar que existiam vários aspectos linguísticos distintos e com isso constatamos ser um tema bem interessante para a pesquisa, porque era possível encontrar nas redações vários aspectos da textualidade que necessitam de uma atenção especial por parte do professor de Língua Portuguesa.

Desse modo, a partir de tais considerações superficiais, propomos o seguinte questionamento: Qual o nível linguístico nas produções textuais ao final do 4º bimestre do 6º ano, do ensino fundamental dos alunos da escola pública de Guia Lopes da Laguna? De que forma, os alunos do 6º ano conseguem lidar com a coerência e a coesão nas narrativas?

Nós escolhemos o gênero narrativo pelo fato de ser bem conhecido pelos alunos e porque a professora de Língua Portuguesa trabalha com narrativas em sala de aula, então quando eu pedi para que eles produzissem uma narrativa, eles não tiveram dificuldade nenhuma e nem se quer perguntaram o que era uma narrativa.

Para responder as questões de pesquisa e analisar o *corpus*, percorremos as considerações teóricas da Linguística e da Linguística Aplicada, para nortear este estudo, por serem extremamente pertinentes, uma vez que tais pressupostos teóricos oferecem a possibilidade de detectar os diversos aspectos linguísticos. Traçamos enquanto objetivo geral: investigar aspectos da coerência e da coesão nas produções textuais.

E definimos para os objetivos específicos da presente pesquisa, os seguintes itens:

- Descrever os aspectos das condições de produção das narrativas;
- Investigar aspectos da oralidade no texto escrito;

Para o percurso metodológico utilizamos de 03 fases: a primeira foi a da pesquisa de campo, quando fomos até a escola pública para conhecer a realidade, depois para solicitar o espaço das aulas da disciplina de Português para a aplicação da proposta de produção textual. Essa fase foi destinada a coleta de dados. Na segunda fase, compreendeu

a revisão bibliográfica da Linguística com o teórico Saussure (2000) e a Linguística Aplicada com Koch (1999), Travaglia (2002), Costa Val (1999), Rojo (2000), Azevedo (2003), Beth Brait (2000) e o Documento Oficial do Ensino Fundamental (PCN's) (1997), para responder as questões descritas ao longo do trabalho e por serem extremamente pertinentes, uma vez que tais pressupostos teóricos oferecem a possibilidade de detectar os diversos aspectos linguísticos nas narrativas. A terceira e última fase é a das análises das narrativas e a discussão dos dados.

Quanto à estrutura, este trabalho encontra-se dividido em 02 (dois) capítulos, que são: **Capítulo I** denominado - **Pressupostos Teóricos**, no qual serão abordados importantes conceitos relativos à *língua, linguagem* e algumas considerações sobre: texto/discurso, gênero, textualidade, condições de produção e aspectos da Linguística Textual: coesão e coerência. **O Capítulo II**, intitulado de “*Análise das redações*”, objetiva apresentar a análise do *corpus* coletado para a pesquisa, sob a ótica teórica descrita ao longo do primeiro capítulo, revelando quais os aspectos linguísticos encontrados nas redações. E para encerrar, apresentaremos as **Considerações Finais**, na qual responderemos à problematização proposta na Introdução do trabalho.

Este trabalho visa a tornar os acadêmicos de Letras e demais leitores da comunidade local, ou próxima à Universidade, profissionais mais cientes na defesa da linguagem como um processo interativo, sendo fundamental para a prática pedagógica, porque busca novas formas de aprendizagem da leitura e escrita. Acredita-se que é na escola que se dá a interação entre aluno e professor por meio do uso da linguagem, há a relação que deve se tornar cada vez mais autêntica, enquanto busca situações de aprendizagem em que cada sujeito constitui sua linguagem. E a linguagem passa a ser a base para o aprendizado, seja enquanto leitura, escrita e/ou interpretação/análise. É no processo de aprendizagem que a linguagem encontra-se materializada e se organiza. Por serem os aspectos linguísticos que determinam as atividades pedagógicas na área da linguagem em sala de aula, nasce, então, a importância dos profissionais capacitados de buscarem nos mais diversos aspectos linguísticos correntes em nossa sociedade a fonte para o aprendizado da língua materna.

Deste modo, iniciamos a apresentação deste trabalho monográfico com a discussão teórica.

CAPÍTULO I

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1. Uma reflexão sobre conceitos pertinentes à Linguística e à Linguística Textual

O presente capítulo apresenta o percurso teórico da Linguística com Saussure (2000) e depois com as concepções de língua e linguagem, a Linguística Aplicada, Koch (1999), Costa Val (1999), Rojo (2000), Travaglia (2002), Azevedo (2003), Beth Brait (2000) e o Documento Oficial de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental (PCN's) (1997), com a concepção de linguagem, textualidade, discurso/texto, coerência e coesão.

1.1 Língua, Linguagem

Para Saussure (2000, p.17) tem-se o conceito de língua como homogênea, um fato social, ou seja, língua e sociedade estão ligados. A língua é uma forma de descrição da sociedade, é algo adquirido que resulta de uma convenção entre os falantes. A língua não é um sistema de conteúdo, ela existe em nível semântico, num sistema de forma e regras.

Saussure (2000, p.18) afirma que a língua sofre influências do falante, pois ele participa o tempo todo dela, é constituída como herança de uma época, de cultura dos povos. Para que haja mudanças na língua tem que haver uma convenção entre os membros de uma comunidade, o falante não pode sair livremente modificando a língua. “A faculdade de constituir a língua é natural ao homem, vale dizer: um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas”. (Saussure, p.18). *Língua é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (Saussure, 2000, p.17).*

A língua faz a unidade da linguagem, a articulação de palavras se exerce com a ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade, é um produto que o indivíduo registra passivamente. *A língua não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação. (Saussure, 2000, p.22).*

Segundo Saussure (2000, p.89), a língua é arbitrária, porque semanticamente ela se modifica com o passar do tempo. A arbitrariedade é a liberdade de cada sistema linguístico

em juntar os sons para dar uma simbologia para um determinado signo que assume valor social diferente. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos.

Cada comunidade estabelece seu próprio signo, que funciona mesmo na interação. Desse modo, o signo é arbitrário porque cada povo cria sua própria convenção, estabelece os signos para seu povo, um acordo social entre os falantes. É a arbitrariedade do signo significa que há casos que existem ou não um tipo de relação intrínseca ou de causalidade necessária entre os diferentes planos de expressão e plano de conteúdo. O falante não tem autonomia para mudar um signo linguístico.

De acordo com o Saussure (2000, p.22), a língua não é um simples conjunto de nomes atribuídos as coisas. Muito mais complexa que isso, a língua seria um sistema de valoração negativa, o que implica dizer que, os signos seriam constituídos a partir da associação de uma imagem acústica a um conceito e, portanto, os signos se estabeleceriam por um processo negativo de atribuição de valores. A formação do signo se daria pela oposição de todas as imagens acústicas. Essa oposição em si levaria tais imagens a adquirir cada uma seu próprio valor, e esse valor é que seria seu significado, ou seja, seu conceito.

Assim, uma vez associados imagem acústica e conceito, o signo estaria formado em sua integridade. A atribuição negativa de valor consiste, pois, em que as imagens acústicas obtenham por valor o conceito que se oponha ao conceito das demais. Dessa maneira, a língua teria um funcionamento que estaria igualmente relacionado a esse sistema negativo de valoração, levando Saussure (2000, p.23) a afirmar que praticamente tudo na língua é oposição. Com isso, a língua construiria as imagens acústicas opondo fonemas linearmente, isto é, através de relações sintagmáticas. Porém, se para estabelecer o valor dessas imagens acústicas, a língua teria que opor umas às outras, dessa forma, para que se distingam bastaria que uma tivesse um único fonema diferente de outras e já se poderia constituir em uma nova imagem acústica. A essa oposição de comparação Saussure (2000, p.25) chama de relações associativas. Para o estudioso, seriam essas duas formas de relações, as sintagmáticas e as paradigmáticas, as responsáveis pelo funcionamento da língua.

O signo é sistemático ele não funciona isoladamente, ele depende do contexto para ter um valor semântico, *ele une um conceito e uma imagem acústica*, que é o significado o conceito e o significante a imagem acústica, o conjunto sonoro que é arbitrário de língua para língua. A imagem acústica seria uma espécie de representação psíquica dos fonemas

de que se compõem o signo. Enquanto o conceito, longe de ser uma imagem do quer que possa ser referido pela língua, está relacionado ao processo de construção do significado no pensamento. Essas duas faces do signo, uma vez associadas, compõem sua integralidade. Existem signos naturais que são aqueles que não dependem da criação do homem e artificiais somente para fins de comunicação.

O signo linguístico exhibe duas características primordiais: a arbitrariedade, pois o signo é arbitrário e o caráter linear do significante sendo ele de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, esse caráter aparece imediatamente quando os representamos pela escrita e substituímos a sucessão do tempo pela linha espacial dos signos gráficos. (Saussure, 2000, p.84).

Portanto, para Saussure (2000, p.26) o significado de um signo é atribuído ao seu significante pela presença de outros signos, que vão determinar, por delimitação e exclusão, seu significado. Assim, cada signo tem seu próprio significado exatamente porque convive com os demais signos da língua.

Saussure afirma que (2000, p.22) língua é artificial, é ela que faz a unidade da linguagem, pois as sílabas que se articulam são impressões acústicas percebidas pelo ouvido, mas os sons não existiriam sem os órgãos vocais, não se pode reduzir então a língua ao som da articulação vocal. A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro. A cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução, ela é uma instituição atual e um produto do passado. A língua é tomada como norma de todas as outras manifestações da linguagem. *A linguagem é multiforme, física, fisiológica, psíquica, ela pertence ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade.* (Saussure, 2000, p.17).

A linguagem, segundo Saussure (2000, p.27), é uma faculdade que nos é dada pela natureza, é heterogênea, tem um caráter linear onde um fonema se opõe ao outro. Ela é duplamente articulada: fonológica e mórfica.

O homem articula sons para se comunicar através da linguagem com outro homem, juntando, articulando com outros sons formando os signos linguísticos, só o homem tem essa capacidade de associação ou articulação. A responsabilidade com a linguagem é do aparelho fonador para a interação com a sociedade.

A linguagem é o mais eficaz meio de comunicação, ela é uma criação do intelecto do ser humano, é arbitrária porque cada povo cria sua própria convenção, estabelece os signos. (Saussure, 2000, p.29).

Para Koch (1999, p.36) a realidade fundamental da linguagem é a interação verbal que se baseia em três concepções que são as mesmas utilizadas pelo teórico Travaglia:

- Linguagem como expressão do pensamento: para essa concepção as pessoas se expressam sem pensar antes no que vai dizer, para quem se fala, em que situação se fala, para que se fala usada em cada situação de interação comunicativa.
- Linguagem como instrumento de comunicação: os signos se combinam segundo regras, transmitindo a mensagem de um emissor a um receptor, que deve ser dominada para que haja a comunicação.
- Linguagem como processo de interação: além do indivíduo transmitir informações ao outro, ele age, atua sobre o interlocutor. (2002, p.30).

A primeira concepção de linguagem é muito vaga porque se expressar sem antes pensar faz com que a comunicação entre os falantes não seja inteligível, pois o indivíduo não saberá interpretar o que o outro quis transmitir.

A segunda concepção é a mais usada e melhor para se comunicar, porque para que ela aconteça o falante tem que dominar o código e que norteará o percurso da pesquisa. Pois mesmo os alunos escrevendo da forma como eles falam podemos perceber realmente o sentido que seu texto traz e até a mensagem que ele quer nos passar.

A terceira e última concepção, traz a linguagem como forma de interação entre os indivíduos. Os usuários da língua se sentem mais a vontade em adentrar nos assuntos sócio-histórico e ideológico.

Para Koch (1997, p.30) o traço fundamental da linguagem é a argumentatividade. O ato de argumentar é visto como ato de convencer que “procura atingir a vontade”, envolvendo a individualidade, os sentimentos, a temporalidade. Cada ato de linguagem é constituído por três atos: falar, dizer e mostrar. O falar consiste na produção de frases, decorrentes da capacidade do falante de produzir determinados sons de acordo com determinadas regras gramaticais. O dizer consiste em produzir enunciados, estabelecer relação entre uma sequência de sons e um estado de coisas. O mostrar está ligado a enunciação.

De acordo com os PCNs de Língua Portuguesa (1997, p.24) a linguagem é uma forma de ação interindividual orientada por uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos de sua história. Dessa forma, se produz linguagem tanto em uma conversa de bar, entre amigos, quanto ao escrever uma lista de compras, ou ao

redigir uma carta – diferentes práticas sociais das quais se podem participar. Por outro lado, a conversa de bar na forma atual diferencia-se da que ocorria há um século, por exemplo, tanto em relação ao assunto quanto à forma de dizer, propriamente – características específicas do momento histórico. Além disso, uma conversa de bar entre economistas pode diferenciar-se daquela que ocorre entre professores ou operários de uma construção, tanto em função do registro e do conhecimento linguístico quanto em relação ao assunto em pauta.

A linguagem verbal de acordo com Saussure (2000, p. 30) possibilita ao homem representar a realidade física e social e, desde o momento em que é aprendida, conserva um vínculo muito estreito com o pensamento. Possibilita não só a representação e a regulação do pensamento e da ação, próprios e alheios, mas, também, comunicar ideias, pensamentos e intenções de diversas naturezas e, desse modo, influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais anteriormente inexistentes.

Essas diferentes dimensões da linguagem não se excluem: não é possível dizer algo a alguém sem ter o que dizer. E ter o que dizer por sua vez só é possível a partir das representações construídas sobre o mundo. Também a comunicação com as pessoas permite a construção de novos modos de compreender o mundo, de novas representações sobre ele. A linguagem, por realizar-se na interação verbal dos interlocutores, não pode ser compreendida sem que se considere o seu vínculo com a situação concreta de produção. É no interior do funcionamento da linguagem que é possível compreender o modo desse funcionamento.

De acordo com o PCNs de Língua Portuguesa (1997, p.25) a importância e o valor dos usos da linguagem são determinados historicamente segundo as demandas sociais de cada momento. Quando se pensa e se fala sobre a linguagem mesma, realiza-se uma atividade de natureza reflexiva, uma atividade de análise linguística. Essa reflexão é fundamental para a expansão da capacidade de produzir e interpretar textos. É entre as muitas ações que alguém considerado letrado é capaz de realizar com a linguagem.

Para os PCNs (1997, p.26) produzir linguagem significa produzir discursos. Significa dizer alguma coisa para alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico. Isso significa que as escolhas feitas ao dizer, ao produzir um discurso, não são aleatórias ainda que possam ser inconscientes, mas decorrentes das condições em que esse discurso é realizado. Quer dizer: quando se interage verbalmente com alguém, o discurso se organiza a partir dos conhecimentos que se acredita que o interlocutor possua

sobre o assunto, do que supõe serem suas opiniões e convicções, simpatias e antipatias, da relação de afinidade e do grau de familiaridade que se tem, da posição social e hierárquica que se ocupa em relação a ele e vice-versa. Isso tudo pode determinar as escolhas que serão feitas com relação ao gênero no qual o discurso se realizará, à seleção de procedimentos de estruturação e, também, à seleção de recursos linguísticos. É evidente que, num processo de interlocução, isso nem sempre ocorre de forma deliberada ou de maneira a antecipar-se ao discurso propriamente. Em geral, é durante o processo de produção que essas escolhas são feitas, nem sempre (e nem todas) de maneira consciente.

1.2 – Produção textual

De acordo com os PCNs de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental (1997, p. 30) a prática de produção de textos, tem a finalidade de formar escritores competentes capazes de produzir textos coerente, coesos e eficazes. Para isso são sugeridas algumas situações fundamentais para a prática de produção de textos, como: projetos de textos incluídos nos planos pedagógicos das escolas montagem de textos provisórios para reestrutura, produção com apoio e outras situações de criação.

Os PCN's de LP também sugerem que os textos produzidos pelos alunos sejam utilizados como atividade de estudo das variações linguísticas, propiciando a reflexão sobre a língua e linguagem, através das variações sociais e estruturais de seu uso na própria sala de aula.

A tese principal defendida em relação ao ensino de produção textual é que essas práticas devem focar os diferentes gêneros textuais primeiramente a partir do estudo prévio dos gêneros que estão presentes na vida cotidiana do aluno, ampliando-se conforme a gradação das séries, para gêneros textuais que possam fazer parte do futuro profissional.

Cabe á escola a função de dar aos alunos condições de acesso ao conhecimento linguístico, propiciando um conhecimento de língua que lhe permita compreender e produzir discursos orais, ser um leitor fluente e crítico, interagir verbalmente de forma apropriada e usar multifuncionalmente a escrita.

A escola deve propiciar o contato com textos significativos, que façam parte da vida cotidiana dos alunos, privilegiando a diversidade de textos utilizados socialmente. É

fundamental que o aluno compreenda que para escrever um bom texto é preciso que se tenha o que dizer, que se tenha um motivo e para quem dizer.

1.3 Texto/Discurso

De acordo com Koch (1999, p. 25) o discurso para ser bem estruturado, deve conter implícitos ou explícitos, todos os elementos necessários à sua compreensão devem obedecer às condições de progresso e coerência, para por si só, produzir comunicação e constituir um texto. Todo texto caracteriza-se pela textualidade, deve revelar uma conexão entre as intenções, as idéias e as unidades linguísticas que o compõem, não há discurso neutro, objetivo, imparcial.

Costa Val (1999, p.20) define texto/discurso como ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal. O texto ou discurso é um meio de comunicação, possui sentido e forma, intenções do produtor, jogo de imagens mentais que cada um dos interlocutores faz de si com relação a si mesmo e ao tema do discurso. O fator responsável pelo sentido do texto é a coerência, os constituintes do texto devem estar integrados, de modo que haja uma coesão. *Texto é uma unidade de linguagem em uso, cumprindo uma função identificável num dado jogo de atuação sociocomunicativa.* (COSTA VAL, 1999, p.3).

Costa Val (1999), além de apontar elementos do ato comunicativo para definir texto (os que se relacionam ao aspecto pragmático), acrescenta dois outros aspectos que promovem a “inter-relação semântica entre os elementos do discurso: o semântico-conceitual e o formal”. “A unidade semântico-conceitual” é responsável por gerar o sentido do texto, através da coerência, ou seja, o receptor deverá receber o texto como “um todo significativo”. Já a “unidade formal” corresponde á “harmonia” dos mecanismos gramaticais, tais como conjunções, preposições e outros, que contribuem para a materialização ou manifestação lingüística da coerência na superfície textual. Trata-se, nesse caso, da coesão. A autora esclarece que é preciso que haja, entre o conjunto de fatores apontados: “a linguagem em uso (aspecto pragmático), a unidade semântico-conceitual (coerência) e a unidade formal (coesão)” um entrelaçar na construção do texto para que este se torne realmente um texto e não um amontoado aleatório de frases (Costa Val, 1999, p.4).

Para se descrever o discurso de alguém, não basta indicar o que a pessoa disse, mas também em que nível ela o disse: o explícito ou implícito. Ao produzir um discurso, o locutor manifesta as suas intenções, sua opinião para os enunciados que produz, através da linguagem. O enunciado tem uma multiplicidade de significações, quando o falante produz um enunciado podem haver várias intenções, por isso não se deve atribuir-lhe nenhuma interpretação única e verdadeira.

Para Beth Brait (2000, p.35) produzir linguagem significa produzir discursos, ao produzir um discurso às escolhas feitas são aleatórias, mas depende das condições em que o discurso é realizado. O discurso quando produzido manifesta-se linguisticamente por meio de textos. Existem diferenças entre gênero discursivo e tipologia textual, os mais diversos aspectos da enunciação aparecem sob diferentes modos de discurso. Qualquer enunciado fará sempre parte de um gênero que será sempre uma resposta ao que veio antes e suscitará respostas futuras, estabelecendo a interdiscursividade (diálogo entre discursos). O texto é uma unidade básica de ensino, é essencial para a aprendizagem.

Para que o texto cumpra realmente o seu papel, é preciso que, na produção e na recepção, haja o emprego adequado da língua e a consideração de aspectos importantes para o “ato comunicativo”, tais como as intenções do locutor (produtor) e o “jogo de imagens” que envolve o locutor/produtor, o ouvinte/leitor e o referente (o tema em pauta). Por isso, o locutor (produtor) precisa considerar previamente algumas questões importantes tais como: quem sou eu?; a quem falarei?; quando e por que falarei?; em que contexto histórico social estou inserido para falar assim?; no intuito de atingir, através do discurso (oral ou escrito), o seu interlocutor. (Azevedo, 2003, p.14).

De acordo com os PCNs de Língua Portuguesa (1997, p.27) o discurso quando ele é produzido, manifesta-se linguisticamente por meio de textos. Assim, pode-se afirmar que texto é o produto da atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo e acabado, qualquer que seja sua extensão. É uma sequência verbal constituída por um conjunto de relações que se estabelecem a partir da coesão e da coerência. Esse conjunto de relações tem sido chamado de textualidade. Dessa forma, um texto só é um texto quando pode ser compreendido como unidade significativa global, quando possui textualidade. Caso contrário, não passa de um amontoado aleatório de enunciados.

Para os PCNs de Língua Portuguesa (1997, p.28) o discurso possui um significado amplo: refere-se à atividade comunicativa que é realizada numa determinada situação, abrangendo tanto o conjunto de enunciados que lhe deu origem quanto as condições nas

quais foi produzido. A produção de discurso não acontece no vazio. Ao contrário, todo discurso se relaciona, de alguma forma, com os que já foram produzidos. Nesse sentido, os textos, como resultantes da atividade discursiva, estão em constante e contínua relação uns com os outros. A esta relação entre o texto produzido e os outros textos é que se tem chamado intertextualidade.

Os textos são produzidos para serem compreendidos. Os processos de produção e compreensão, por sua vez, se desdobram respectivamente em atividades de fala e escrita, leitura e escuta.

1.4 – Textualidade

De acordo com Costa Val (1999, p.28) para a construção de um texto é necessária a junção de vários fatores que dizem respeito tanto aos aspectos formais como as relações sintático-semânticas, quanto às relações entre o texto e os elementos que o circulam: falante, ouvinte, situação. Um texto bem construído e, naturalmente bem interpretado, vai apresentar a textualidade, conjunto de características que fazem, um texto, e não uma sequência de frases.

Costa Val (1999, p. 30) apresenta os seguintes aspectos responsáveis por avaliar e textualidade de um texto e discurso: coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, intertextualidade, informatividade e situacionalidade. Nesse momento, iremos abordar sobre a coesão e a coerência, pois utilizaremos esses conceitos para a análise das narrativas e conceituaremos as outras.

De acordo com Costa Val (1999, p. 32), a coerência é o fator fundamental da textualidade, porque é responsável pelo sentido do texto, envolve aspectos lógicos, semânticos e cognitivos. Para se ter um discurso coerente é preciso que se produza um texto de acordo com o conhecimento de mundo do receptor, o sentido do texto é construído pelo produtor e pelo receptor.

A coesão advém da maneira como os conceitos e relações subjacentes são expressos na superfície textual, construída através de mecanismos gramaticais e lexicais. “A coerência e a coesão têm em comum a característica de promover a inter-relação semântica entre os elementos do discurso. O fundamental para a textualidade é a relação coerente entre as ideias. (Costa Val, 1999, p.7).

A coerência e a coesão não são qualidades do texto, mas dependem das competências do usuário (conhecimento de mundo, de textualidade e de língua).

De acordo com Koch (1999, p.14), a função da coesão textual é estabelecer relações textuais com os elementos da língua, fazendo com que o texto produzido possua uma sequência, argumentos ou ideias que se vai tecendo o texto. A este fenômeno denomina-se coesão textual.

A coerência, responsável pela continuidade dos sentidos no texto, não se apresenta, pois, como mero traço dos textos, mas como resultado de uma complexa rede de fatores de ordem linguística, cognitiva e interacional.

De acordo com Koch (1999, P. 18) pode-se afirmar que o conceito de coesão textual diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística entre os elementos que ocorrem na superfície textual.

A intertextualidade concerne aos fatores que tornam a interpretação de um texto dependente da interpretação de outros. Cada texto constrói-se, não isoladamente, mas em relação a outro já dito, do qual abstrai alguns aspectos para dar-lhes outra feição.

A intencionalidade refere-se ao esforço do produtor do texto em construir uma comunicação eficiente capaz de satisfazer os objetivos de ambos os interlocutores. Quer dizer o texto produzido deverá ser compatível com as intenções comunicativas de quem o produz.

A aceitabilidade diz respeito ao texto produzido que também deverá ser compatível com a expectativa do receptor em colocar-se diante de um texto coerente, coesão, útil e relevante. O contrato de cooperação estabelecido pelo produtor e pelo receptor permite que a comunicação apresente falhas de quantidade e de qualidade, sem que haja vazios comunicativos. Isso se dá porque o receptor esforça-se em compreender os textos produzidos.

A informatividade é a medida na qual as ocorrências de um texto são esperadas ou não, pelo receptor. Um discurso menos previsível tem mais informatividade. Sua recepção é mais trabalhosa, porém mais interessante envolvente. O excesso de informatividade pode ser rejeitado pelo receptor, que não poderá processá-lo. O ideal é que o texto se mantenha num nível mediano de informatividade, que fale de informações que tragam novidades, mas que venham ligadas a dados conhecidos.

A situacionalidade é a adequação de um texto a uma situação comunicativa ao contexto. A situação orienta o sentido discurso, tanto na sua produção como na sua

interpretação. Por isso, muitas vezes, menos coeso e aparentemente, menos claro pode funcionar melhor em determinadas situações do que outro de configuração mais completa. A situação comunicativa interfere na produção do texto.

1.5 - Gênero

De acordo com Koch (1999, p. 34) todo texto se organiza dentro de um determinado gênero. Os vários gêneros existentes, por cultura, caracterizados por três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Pode-se ainda afirmar que a noção de Gêneros refere-se a “famílias” de textos que compartilham algumas características comuns, embora heterogêneas, como visão geral da ação à qual o texto se articula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literariedade, por exemplo, existindo quase ilimitado.

Os gêneros são determinados historicamente. As intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, geram usos sociais que determinam os gêneros que darão forma aos textos. É por isso que, quando um texto começa com “era uma vez”, ninguém duvida de que está diante de um conto, porque todos conhecem tal gênero. Diante da expressão “senhoras e senhores”, a expectativa é ouvir um pronunciamento público ou uma apresentação de espetáculo. Do mesmo modo, pode-se reconhecer outros gêneros como cartas, reportagens, anúncios, poemas, etc. (Koch, 1997, p.28).

Não se pode falar de gêneros sem pensar na esfera de atividades que eles se constituem e atuam. Por exemplo, às condições de produção, de circulação e de recepção. O gênero discursivo diz respeito às coerções estabelecidas entre as diferentes atividades humanas e os usos da língua nessas atividades, ou seja, as coerções das práticas discursivas. (Beth Brait, p. 20 e 21). *Mudando as formas de produção, circulação e recepção de um texto, ainda que sendo “o mesmo”, passa a pertencer a um gênero discursivo diferente. (Beth Brait, p. 16).*

Marcuschi (2002, p. 33) afirma que nos últimos dois séculos foram as tecnologias, em especial as ligadas à área de comunicação, que propiciaram o surgimento de novos gêneros textuais, exemplo disso é o e-mail, uma modernização do bilhete e da carta, gênero que tem sido discutido e inserido na sala de aula.

A definição de tipo e gênero textual sempre foi muito discutida, principalmente entre os professores, pois para que ensinemos precisamos saber defini-los pelo menos para

nós mesmos, visto que nos livros didáticos essas definições são colocadas, na maioria das vezes, de maneira equivocada.

De acordo com Marcuschi (2002, p. 34) a expressão gênero textual é usada como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas. Os gêneros são inúmeros, incontáveis, um telefonema, um e-mail, uma carta e assim por diante. Durante o dia fazemos uso de diversos gêneros textuais quando enviamos um e-mail, ou deixamos um bilhete na porta da geladeira, os gêneros estão presentes em nossa vida a todo momento.

A partir da abordagem de gênero textual Marcuschi defende o trabalho na escola com textos. Afirma que os livros didáticos trazem, de maneira equivocada, o termo tipo de texto. Na verdade, para ele, não se trata de tipo de texto, mas de gênero de texto. O autor diz que não é correto afirmar que a carta pessoal, por exemplo, é um tipo de texto como fazem os livros. Ele atesta que a carta pessoal é um gênero textual.

De acordo com os PCN's do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa (1997, p.35) a atividade de produção textual, no sistema escolar, ainda hoje, está sustentada pelo discurso oral do professor que concretiza uma forma de organização própria de um modelo social de ensino reflexo de concepções construídas ao longo da sua história. Assim, o processo de escrita, na escola, torna-se uma estratégia previamente definida, segundo a qual os alunos escreve e o professor lê e corrige. Ao que parece, restringem-se as tarefas que dão margem ao aluno apenas apresentar ideias pré-fabricadas, repostas convencionais, determinadas. Raramente são encontrados exercícios que exijam fluência de ideias, de reflexão, que permitam ao aluno criar e imaginar soluções possíveis.

Para os PCN's um escritor competente é, também, é capaz de olhar para seu texto, revisá-lo e reescrevê-lo até considerá-lo satisfatório para o momento. É ainda um leitor competente, capaz de recorrer, com sucesso, a outros textos quando precisa utilizar fontes escritas para a sua própria produção. Quanto à produção do sentido, defendem, ainda os PCN's que o trabalho de análise epilinguística é importante por possibilitar a discussão sobre os diferentes sentidos atribuídos aos textos e sobre os elementos discursivos que validam ou não essas atribuições, propiciando, também, a construção de um repertório de recursos linguísticos a ser utilizado quando da produção textual.

Logo a seguir, no próximo capítulo, passaremos a análise do *corpus*, no qual teremos a oportunidade de melhor compreender a manifestação de cada um dos elementos linguísticos que foram descritos nos pressupostos teóricos deste estudo.

CAPÍTULO II

“O QUE TE FAZ FELIZ E SOBRE SEUS SONHOS”:

2. Produções textuais realizadas por falantes da língua portuguesa

Contexto: área urbana de uma escola pública de MS

De acordo com as concepções teóricas abordadas no Capítulo I, apresentaremos abaixo as análises das redações produzidas pelos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental.

2.1- Condições de produção

As condições que antecederam as produções textuais seguem as seguintes etapas: na primeira compreendeu uma visita prévia à escola alvo, esta instituição é estadual, está localizada na área urbana do município de Guia Lopes da Laguna, atende do ensino fundamental ao ensino médio, com aproximadamente 1.200 alunos, no 4º bimestre de 2010. A visita à escola alvo da pesquisa foi motivada pela investigação no desempenho dos alunos do 6º ano, do período vespertino, ao término do ano letivo praticamente. E para que tivéssemos autorização da escola e da direção para a aplicação da proposta.

A segunda etapa foi à aplicação da proposta¹ aos alunos, na qual a professora titular da sala preferiu não participar, ficando somente eu na sala com os alunos. Com a aplicação da proposta: “O que te faz feliz, seus sonhos, seu futuro, suas preferências, o que você não gosta e o que te deixa triste”, com a primeira versão (rascunho) e a segunda versão (definitiva) para os alunos passarem a limpo. Neste dia eu cheguei à sala de aula disse aos alunos que eu estava fazendo uma pesquisa de campo para que pudesse desenvolver o meu trabalho de conclusão do curso, pedi a eles que colaborassem comigo. Comecei a entregar a proposta e disse para eles fazerem um texto descritivo, mas não expliquei sobre esse gênero a eles, devido achar que eles já tinham conhecimento sobre essa forma de escrita por ela ser uma das formas mais fáceis e mais usadas na escola.

A nossa pesquisa tinha um diferencial que era aplicar a proposição para alunos, cuja língua materna é a língua portuguesa, para mais tarde apresentarmos a realidade linguística textual dessa pesquisa. A sala escolhida para a aplicação foi o 6º ano, com 35 alunos, entre 11 e 17 anos, no dia participaram da realização da atividade 24 alunos, sendo 12 do sexo feminino e 12 do sexo masculino. A ausência de alguns alunos no dia ocorreu, porque a escola estava praticamente no término do ano letivo, mas isso não inviabilizou a aplicação,

¹ Essa mesma proposta foi aplicada no contexto de uma escola pública, localizada na reserva indígena, município de Nioaque-MS, para índios da etnia Terena.

pois era justamente um dos pontos era o de investigar ao final do período de estudo e atividades o desempenho dos alunos do 6º ano. E registramos que todos os alunos presente participaram da pesquisa à pedido da professora titular da sala.

Na folha da proposta de redação havia 2 espaços, o 1º destinado à versão do rascunho e o a versão definitiva. Na versão do rascunho não existe espaço delimitado para que o aluno pudesse colocar o título, já na segunda versão que é a definitiva possui um espaço ao título. Mas mesmo com esse espaço mostrando que é para se colocar o título a maioria dos alunos não colocaram título.

O momento da produção foi muito tranquilo, porque não havia mais conteúdo para ministrar, praticamente havia ocorrido o encerramento do bimestre e com isso a produção ficou livre para que os alunos pudessem manifestar as ideias.

2.2 – Classificação e análises das produções textuais

Para as análises consideramos apenas a 2ª versão, embora os alunos tivessem em muitas propostas utilizadas os espaços destinados aos rascunhos e a versão final, isso ocorreu porque houve cópias, ou seja, o aluno fazia a lápis e depois passava a limpo, com poucas alterações entre a 1ª versão e a 2ª versão, bem como, a falta de tempo em corrigir, ou sugerir antes da versão definitiva alterações. Por isso, as análises serão a partir das segundas versões.

Após a leitura das todas as redações coletadas, estabelecemos algumas classificações de acordo com alguns procedimentos da Língua Textual e selecionamos textos representativos: num primeiro momento iremos apresentar 2 redações com um nível muito elevado de oralidade, a qual denominaremos de **Elevado Índices de Oralidade – EIO** – para aquelas produções em que há o predomínio da fala no texto escrito, ou em que o alunos do 6º que com dificuldades temáticas tentam desenvolver a proposta solicitada. Têm dificuldades em discorrer sobre e apresentam uma vaga conexão com a proposta e o seu nível de escrita é mais de oralidade, não consegue perceber que entre a fala e a escrita há diferenças linguísticas.

Há ainda os seguintes aspectos, tais como: contradições de ideias fazendo com seu texto ficasse confuso quanto à coerência, ou seja, o sentido; por repetir várias vezes uma mesma palavra, ou enunciado e por apresentar um texto muito próximo da oralidade, o

produtor ainda não domina com propriedade o registro escrito da língua, mantém-se na fala.

E para exemplificar destacamos a seguinte redação abaixo:

2ª versão: MEL maior Sonho É Poder ter um praneta mas (título) Saldavel, Com mas Puresa E não, Poluído, Lixo Tóxico E Essas Guerras, Brigas e Desconcordancia, talvez se todos Do mundo se consentissem teriamos um mundo mas perfeito mas só Esta Piorando o Mundo Esta se desgastando. A Água Esta Escasa em algun Locais Em Dois mil E setenta a Água estara valendo mas do que ouro! É isto que Eu gostaria que não aconteceria, termos como pais mas Bonito e um mundo melhor E is que eu Queria. (EIO -01)

A produção textual do aluno EIO - 01 é do tipo narrativo, ele procura escrever sobre seus sonhos. O leitor ao ler o texto percebe que a variedade linguística utilizada é a coloquial, própria da classe pobre, pois usa: *praneta*. Confunde os sons e a escritas dos sons: Mel (meu), aconteceria, mas, escasa, algun – percebemos que a escrita é uma escrita fonética, de sons da oralidade.

O produtor informa ao seu interlocutor a partir de seu texto a importância de se preservar o nosso planeta para que a água não se escassa, dando uma continuidade na descrição de seu assunto e que são apresentados de forma aleatória. Procura abordar uma temática atual, pois pensa no futuro, tem uma parte em seu texto que ele escreve sobre o ano dois mil e setenta e a falta de água enquanto intertexto como elemento da textualidade.

Com isso, também é possível perceber que ele já discutiu tal temática em outro momento, ou já leu sobre o assunto nas aulas de Português e aproveita para preencher com tais ideias ouvidas em outros momentos em sala de aula é uma forma de intertexto com A Carta de 2070.

Na redação EIO-01, o produtor procura utilizar argumentos para estabelecer com o seu leitor (professor de Português) a influenciar sobre o que ele está falando. Ele usa uma diversidade corretamente a linguagem porque ele a usa como uma interação verbal querendo passar uma imagem de que sabe falar sobre determinado assunto é uma forma de diversidade.

A variedade para a língua portuguesa escrita descrita nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa não correspondem ao que o aluno faz no seu texto, pois

não há correspondência entre às normas ortográficas e adequadas para uma redação escolar. Isso ocorre porque o aluno ao longo de todo um período letivo, não conseguiu por meio das práticas pedagógicas das aulas de Português desenvolver tais habilidades linguísticas. Com isso, a qualidade da redação do aluno EIO -01 é a de reproduzir algo já dito, ou estudado em algum momento, ter níveis elevados de oralidade e não perceber aspectos diferentes entre escrita e oralidade. Não escrever nada sobre si, nada do que o faz feliz devendo estar desmotivado pela suas dificuldades na escola e até mesmo em casa.

Outro exemplo é a redação abaixo EIO- 02:

Ou meu sonho e ser rico porque os ricos andam com carro bonito e ele tem casas bonita e o meu sonho e ser policial porque eu sou bravo e eu sou muito xato e porque eu gosto de proteger a cidade e o mundo contra os maconheiro e perde os ladrão.

Eo meu sonho e ser salvavida para ningem more afomado e não deichar as pessoas more. (EIO – 02)

Esta produção textual é considerada também com Elevados Índices de Oralidade, porque têm quase as mesmas características da redação EIO – 01 - pelo fato de que o aluno não atende aos aspectos linguísticos exigidos nos pressupostos teóricos desta pesquisa e faz um esforço para atender a proposta, mas ele só escreve sobre seus sonhos, não escreve sobre seu futuro, suas preferências, sobre o que o faz feliz, do que ele não gosta e nem o que o deixa triste. É diferente do EIO -01, porque consegue falar de si mesmo, não recorta assuntos, ou temática já estudada em outras aulas de Português. Este aluno fala de vários assuntos , não dá continuidade não tem unidade em seu texto.

E o que o aluno EIO -02 apresenta como redação podemos identificá-lo como um início de texto, ou seja, um embrião, não pode ser considerado um texto na sua plenitude, de acordo com os pressupostos teóricos, porque mantém a característica de um amontoado aleatório de enunciados típicos de quem fala tudo de uma vez só, ele não possui textualidade conforme o PCN's (1997), um texto forma um todo significativo e acabado, mas por um lado seu texto é compreendido em atividades de leitura e escuta. O EIO -02- não possui textualidade porque não há uma conexão entre as ideias. Portanto não possui coerência e nem coesão havendo uma contradição de ideias ao mesmo tempo ele sonha

seguir várias carreiras a de ser rico, a de ser policial e por último a de ser salva vida, fazendo com que não consigamos entender qual é realmente o seu verdadeiro sonho.

A redação EIO - 02 cumpre o seu papel proposto na redação, pois ela traz a intenção do produtor que seu sonho é ter uma profissão que ganhe um salário bom, envolve o leitor com o seu referente tem em pauta, atingindo através de seu discurso o seu interlocutor.

Os sonhos do aluno EIO - 02 refletem aspectos da sociedade, quando ele sonha em ser rico, porque a população de Guia Lopes é carente em termos de emprego que consequentemente gera renda para o município e pelo fato de na escola em que ele estuda existir alunos que os pais possuem uma condição de vida podendo oferecer ao seu filho algo melhor e essa vontade do aluno EIO - 02 em ter o que o outro tem, o faz pensar que ser rico resolve todos os problemas. Já a parte em que ele fala de ser policial para proteger o município está internalizada em sua cabeça não por Guia Lopes ser um município violento e sim pela forma como ele descreve existem muita droga rolando no mundo e em Guia Lopes da Laguna e ele pretende ser policial para proteger a cidade e o mundo contra os maconheiros.

A região onde está localizado o município tem vários rios e balneários é muito raro alguém morrer afogado, só que ele deve ter escutado uma conversa entre seus pais ou familiares de alguma pessoa que morreu dessa forma e isso o fez pensar que se existissem salva vidas esse problema se resolveria.

A escola deve dar muita importância para o texto porque ele é uma unidade básica de ensino é essencial para a aprendizagem. Este aluno é muito interessado em ajudar o mundo, para isso a escola tem que incentivá-lo a perceber cada vez mais a sua importância para o bem da sociedade.

Após dedicarmos às análises desses textos, apresentaremos agora as produções textuais denominadas de **Médio Índice de Oralidade – MIO** que corresponderão àquelas redações que conseguem desenvolver a proposta, o texto apresenta um razoável desempenho linguístico entre aspectos da coerência e da coesão, ainda apresenta marcas da oralidade no texto escrito.

As redações com MIO serão exemplificas e analisadas:

2ª versão: Bom Eu moro Em Guia L. da Laguna a. 3 anos E (titulo) o que me decha muito feliz e quando vejo que a milha familia. Está feliz e o que me deixa triste e a falsidade Bom Eu Estudo no E. E. A. L. Bom Eu moro com a milha mãe e meu pai e o meu sonho e se dentista. E se um dia deus quiser Eu consigo Eu gosto da música Jorge e Mateus, (MIO – 03)

A redação MIO – 03 busca responder à proposta de redação escreve sobre si, sobre o que a faz feliz, sobre seus sonhos, sobre o seu futuro, das coisas que não gosta, o que a deixa triste, escreve sobre a família, a escola e à música. Em determinados momentos mantém a escrita fonética: *decha* e troca alguns sons: *milha*.

Para Costa Val (1999, p.20) esta redação não se configura um texto, na sua plenitude, mas já sinaliza um desempenho médio de unidade sociocomunicativa, semântica, possui forma que também embrionária procura cumprir realmente o seu papel de comunicar algo sobre si mesmo.

Quanto aos aspectos apresentados por Costa Val sobre a textualidade o texto MIO – 03 tem uma marca de situacionalidade quando a aluna escreve o nome da sua escola, ela tenta delimitar o seu espaço, porque no cabeçalho da proposta de redação ela já escreveu o nome da escola onde estuda. Outro aspecto importante que ressalta em seu texto é a objetividade ela ressalta seu objetivo que é ser dentista deixando bem claro qual é sua expectativa de vida.

De acordo com os PCN's de Língua Portuguesa (1997) trabalhar com o conceito de linguagem na escola é uma forma de expandir a capacidade produzir e interpretar textos. Levar textos para sala de aula faz com que os alunos na hora da produção textual se remetam a um texto que tenha conhecimento para que possa escrever algo concreto sem invenções vagas.

O próximo exemplo de texto com MIO é o texto MIO – 04

2ª versão:	Sonho que forão e serão	(título)
<p>- Os meus sonhos são muitos alguns já se realizou, primeiro que queria encontra o homem da minha vida, eu já encontrei, um homem maravilhoso. O Renato Recaldes. Sou casada com ele e o meu outro sonho era ter minha casa própria era tudo que eu mais queria e eu e ele nós dois passamos muitas dificuldades e conseguimos nossa casa, é tão bom mora no que é seu. Sou humilde e sou feliz com que eu tenho, agora só falta eu terminar meus estudos mim forma, pagar minhas contas e ter um filho negro...esses foi e serão, meus sonhos oje sou muito feliz.</p> <p>(MIO – 04)</p>		

A redação MIO – 04, procura responder à proposta de redação escreve sobre si, sobre o que a faz feliz, sobre seus sonhos, sobre o seu futuro, das coisas que não gosta, o que a deixa triste, escreve sobre a família, a escola e à música. Em determinados momentos mantém a escrita fonética: *forão, tão, oje*.

Para Costa Val (1999, p.20) esta redação também não se configura um texto, na sua plenitude, mas já sinaliza um desempenho médio de unidade sociocomunicativa, semântica, possui forma que também embrionária procura cumprir realmente o seu papel de comunicar algo sobre si mesmo.

A aluna MIO – 04 escreve sobre os sonhos que já foram realizados e aqueles que ela ainda sonha que irão se realizar, que aparecem de imediato no título de seu texto. Ela descreve no decorrer de seu texto um fato que ocorre constantemente em nosso município o de adolescentes que antes de terminarem os seus estudos se casam, sem estarem preparadas para assumir um compromisso, quase todas pelo mesmo motivo acham que o casamento é uma forma de liberdade que elas não têm na casa de seus pais.

O autor informa ao seu interlocutor a partir de seu texto a importância de se acreditar nos sonhos, provando que eles se realizaram e que sonhar é uma forma de conseguir o que se quer, dando uma continuidade na descrição de seu assunto e que são apresentados de forma aleatória. Sua produção textual pode ser considerada um texto, pois ele utiliza de coerência em suas intenções, mas de um modo que não tem coesão e nem continuidade em suas ideias.

A escola de acordo como os PCN's de Língua Portuguesa do ensino fundamental (1997) deve incentivar os alunos a querer sempre saber mais coisas, o motivando com temas de relevância social de acordo com a realidade onde vive. Ela nos deixa ciente do

que realmente ela sonha uma forma da professora de Língua Portuguesa prestar a atenção de que forma irá motivá-la, trazendo para sala de aula temas que a instigue a perguntar e produzir melhor alguma coisa que desperte a sua curiosidade em saber cada vez mais.

O próximo texto que iremos apresentar terá a característica de T (texto) com aspectos linguísticos pertinentes, ou seja, uma boa produção textual.

2ª versão: Minha vida, minhas manias.

(título)

Na minha vida o que me faz mais feliz é a minha família, meus parentes e meus amigos, eles fazem parte da minha vida, eles são tudo pra mim. Meu grande sonho é ser uma boa juíza, e colocar minhas ordens em tudo. Minhas preferências é conhecer as pessoas do jeito dela, e não do jeito falço que muitas pessoas se apresentam, e amo quem me ama o resto pra mim é conversa. Eu não gosto de pessoas que conversam muito na sala de aula, de pessoas racista e de pessoas ignorantes. O que me deixa mais triste é o aumento de drogas n o mundo inteiro, e o aumento da violência no mundo, porque arrisca cada vez mais o meu futuro, me deixa triste é tirar nota menos de 8,00 porque senão fico de castigo, não gosto de gente que se acha, não gosto de pessoas que falam mau do meu time o “flamengo”, não gosto de ser pequena, porque tenho 11 anos, mas acham que tenho 7 anos porque sou muito pequena. Essas são minhas manias. (T – 05)

A redação T – 05 atende aos aspectos linguísticos descritos por Costa Val (1999) quanto à coerência e à coesão. Além de outros aspectos tais como a continuidade e outros aspectos que serão descritos no decorrer dessa análise e também a aluna que produziu a redação T- 05 atende totalmente a proposta de redação que lhe foi feita. Domina a língua na sua forma escrevendo de maneira correta suas ideias e obedecendo as regras, que a língua necessita para ser considerada língua. Ela utiliza a língua em forma de enunciados escritos. Ela segue a segunda concepção de linguagem de Koch que norteia esta pesquisa que é o uso da linguagem para fins de comunicação entre os falantes, com esse texto a aluna T - 05 consegue se comunicar perfeitamente conosco leitores seguindo as regras de nossa língua.

Assim, pode-se afirmar que sua produção textual é um texto produto da atividade discursiva escrita que forma um todo significativo e acabado com começo, meio e fim. É

uma sequência verbal constituída por um conjunto de relações que se estabelecem a partir da coesão e da coerência. Um conjunto de relações que pode ser compreendido como unidade significativa global possuindo textualidade.

O T - 05 é coerente porque ele tem sentido e coesivo, ela sabe utilizar a sequencialização de suas ideias (na minha vida, meu grande sonho o que me deixa triste). Há também uma linearidade presente na conexão de suas ideias. Ela utiliza do critério de situacionalidade quando fala que é feliz descrevendo seu estado atual.

Mantém o tipo textual narrativo, pois conta aos poucos sobre si mesma, descrevendo suas intenções. Ela faz uso da argumentatividade que é um traço fundamental da linguagem descrito por Koch (2000, p.30), argumentando sobre as drogas que estão acabando com as vidas das pessoas.

Essa questão das drogas retrata a realidade de nosso município e já foi citada na análise anterior, pois aqui em Guia Lopes da Laguna as drogas estão tomando conta da população, até pelo fato de que não possuímos nenhuma casa de recuperação para drogados nem mesmo um projeto para ajudar esses tipos de pessoas.

Quando a autora da redação T – 05 escreve sobre o seu castigo que é ficar sem o seu computador e sem isso ela não consegue ficar, nos remete ao mundo não só dos adolescentes. Mas também de todos aqueles que não vivem sem a tecnologia. No caso dela que é uma adolescente ela precisa da internet para ficar de conversa com os seus colegas no MSN, uma realidade que hoje nos cerca.

O que ficou de todas as análises feitas é a língua e a linguagem tem uma grande importância para todos nós principalmente para os professores de Língua Portuguesa que tem o dever de tornar o seu aluno um ser crítico, empenhado em transformar a sua comunidade, porque devemos começar pelo nosso ambiente de convívio para sucessivamente chegar ao mundo. De acordo com os PCN's (1997, p.24) de Língua Portuguesa, a linguagem é uma forma de interação orientada por uma finalidade específica realizada para as práticas sociais em qualquer lugar que seja o importante é saber usar a linguagem de acordo com o ambiente em que nos encontramos.

Esse trabalho analisou os aspectos linguísticos encontrados nas produções textuais de alunos do 6º ano do ensino fundamental de uma escola pública do município de Guia Lopes da Laguna, visando solucionar problemas de usos da língua, linguagem e textualidade na produção de um texto, com elementos que levem o texto a se tornar realmente um texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para um maior esclarecimento faremos uma retomada da problematização inicial proposta, estabelecendo uma ligação com as análises empreendidas. Neste trabalho monográfico denominado “Análise das narrativas “o que te faz feliz e sobre seus sonhos” no 6º ano – do ensino fundamental” analisou quais são os aspectos linguísticos encontrados nas redações do 6º ano do ensino fundamental de uma escola pública do município de Guia Lopes da Laguna a partir do conceito de língua presentes em Saussure e de linguagem, texto/discurso, textualidade e gênero presentes em Travaglia, Koch, Costa Val, Azevedo, Beth Brait e o Documento Oficial de Língua Portuguesa do ensino fundamental.

Na problematização deste trabalho, propomos o seguinte questionamento: Qual o nível linguístico nas produções textuais ao final do 4º bimestre do 6º ano, do ensino fundamental dos alunos da escola pública de Guia Lopes da Laguna? De que forma, os alunos do 6º ano conseguem lidar com a coerência e a coesão nas narrativas? Após a pesquisa feita referentes às concepções teóricas sobre a Linguística Textual, foi perceptível através das análises das condições de produção de 05 (cinco) produções textuais que os alunos do 6º ano do ensino fundamental possuem muito pouco conhecimento dos elementos textuais necessários para escrever um texto em sua completude, escrevem da maneira como falam descritos no capítulo de pressupostos teóricos.

Há outros aspectos como a textualidade que dependem de vários fatores para que ela possa ser considerado um texto, o que se percebe é que os alunos estão escrevendo um texto de forma a colocar o seu pensamento sem se quer organizar suas ideias para colocá-las no papel, fazendo com que seu texto seja um amontoado de ideias sem coerência e sem coesão que são os fatores principais para que o texto cumpra realmente o seu papel.

Podemos constatar, após a análise das narrativas, que compõem o *corpus* desse trabalho monográfico identificamos que há necessidade desses alunos em ter um ensino de acordo com o que está descrito nos PCN’s de Língua Portuguesa. Para que o professor, na condição de mediador, assuma essa nova visão é preciso que ele passe por uma formação universitária continuada através dos cursos de pós-graduação, porque sem um mergulho profundo em diferentes leituras no âmbito da Linguística (Linguística Textual) suas práticas pedagógicas voltadas para o ensino de leitura e produção de textos ficam “vagas”. Por isso, é fundamental que o profissional de Letras seja também um pesquisador e busque soluções para os problemas que enfrenta no dia-a-dia da sala de aula com leituras

constantes que venham trazer não receitas prontas, mas, acima de tudo, indagações, reflexões e relatos de experiências que possam contribuir para o redimensionamento de suas práticas.

O desenvolvimento deste trabalho monográfico objetivou ser uma contribuição para o Curso de Letras, como também para a comunidade em geral, na perspectiva de despertar o interesse pela leitura e produção textual dos diversos gêneros textuais correntes em nossa sociedade, como: os textos científicos, jornalísticos, as charges/histórias em quadrinhos, entre outros. Espero que os leitores deste estudo investigativo concebam o texto narrativo como sendo um objeto de reflexão, capaz de motivar o aluno a praticar a leitura, aprender e produzir redação e assim, inseri-lo no universo da linguagem.

Resta dizer que acreditamos ter cumprido os objetivos delineados na Introdução e esperamos ter contribuído, de alguma forma, para o “diálogo” sempre renovado que se constrói em torno da produção do texto na escola, diálogo esse que envolve pesquisadores, professores e os maiores interessados: os alunos.

A solução para esse aluno melhorar sua produção textual é que a professora de Português trabalhe em suas aulas vários temas que interessem a ele, despertando nele o gosto pela leitura, isso o ajudará a melhorar a sua escrita e quem sabe ele volte a ser feliz e motivado a falar de si com orgulho. A professora de Português deverá também corrigir a redação de seu aluno, devolver pedindo para que ele refaça e a entregue novamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Adélia Maria Evangelista. Estratégias de preenchimento das redações do Vestibular de Inverno – UFMS. Dissertação de Mestrado. 2003.

COSTA VAL, Maria da Graça. Redação e Textualidade. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Texto e Linguagem).

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. A coesão textual. 19 edição. São Paulo Contexto, 2004.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DE LÍNGUA PORTUGUESA.
MEC – Brasília. 1997.

ROJO, Roxane; **BRAIT**, Beth. A prática de Linguagem na sala de aula: praticando os PCN's. São Paulo: EDUC, Campinas, SP: Mercado de Letras 2000. (Coleção As faces da Lingüística Aplicada).

SAUSSURE, Ferdinand. Curso de Lingüística Geral. Editora Cultrix. Edição 22. Ano 2000.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 8ª edição. São Paulo: Cortez, 2002.

ANEXOS

